

"Nós vamos reconstruir este país"

TERCEIRO MANDATO

Depois de subir a rampa com 8 representantes da sociedade e receber a faixa presidencial de uma catadora de materiais recicláveis negra, Lula pediu ampla frente contra a desigualdade no país

"VOU GOVERNAR PARA TODOS E TODAS"

GUILHERME PEREIRO E VINÍCIUS PIRES

Vinte anos após subir a rampa do Palácio do Planalto pela primeira vez como presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) repetiu o gesto ontem. Sob sol forte, ele percorreu o trajeto ladeado por uma comissão de oito representantes do povo brasileiro. De mãos em mãos, cotou ao grupo a tarefa de entregar a Lula a faixa presidencial que corou o rito de posse iniciado em solenidade no Congresso Nacional. Ao lado do vice Geraldo Alckmin (PSB), de sua esposa, Lu Alckmin, e da primeira-dama Rosângela da Silva, a lanja, Lula prometeu "governar para todos e todas", propôs a construção de uma "frente ampla contra a desigualdade" e listou o combate à fome como prioridade de seu terceiro mandato. A fala foi ao encontro do que o petista já havia dito na sede do Legislativo quando ressaltou a importância da ampla coalizão eleitoral que o sustentou — formada por 10 partidos no primeiro turno e engrandecida por outras legendas e setores sociais no segundo turno. Sem citar nominalmente o antecessor Jair Bolsonaro (PL) em nenhum dos dois momentos do rito de posse, o petista chamou a gestão do ex-presidente de "governo de destruição nacional", falou em "genocídio" e listou "esperança", "solidariedade" e "amor ao próximo" como pontos-chave para a reconstrução de bases sociais.

No Congresso, Lula falou por meia hora e adotou tom formal, intercalando trechos do discurso com saudações protocolares aos presentes, chamados por ele de "senhores e senhores". Os 27 minutos de discurso no parlatório do Planalto, porém, fizeram lembrar a postura do presidente nos palanques em que subiu durante a campanha eleitoral. Prova disso é que se referiu à multidão por meio de expressões como "meus companheiros" e "minhas amigas". Ao reivindicar união nacional, o novo chefe do Executivo disse que o combate às mazelas precisa ultrapassar os muros dos prédios governamentais. "É urgente e necessária a formação de uma frente ampla contra a desigualdade, que envolva a sociedade como um todo: trabalhadores, empresários, artistas, intelectuais, governadores, prefeitos, deputados, senadores, sindicatos, movimentos sociais, associações de classe, servidores públicos, profissionais liberais, líderes religiosos, cidadãos e cidadãs comuns", pediu, já com a faixa presidencial verde e amarela decorando um termo em tons de azul. Lula relembrou o que chamou de "legado" do PT e refutou deixar seu guia pelo "saudosismo", mas protestou contra os governos que sucederam o partido de 2016 para cá. Ele chamou ao impeachment da corteligionária Dilma Rousseff de "golpe" e, então, passou a listar números associados ao governo Bolsonaro, como os quase 700 mil mortos por COVID-19 e as 53 milhões de pessoas que, segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (RepeSSan), passam fome no país. "O que o povo brasileiro sofreu nestes últimos anos foi a lenta e progressiva construção de um genocídio", criticou.

REPÚDIO No parlatório, Lula fez interrupções para beber água. Ao lado dele, Janja passava as páginas do discurso. Em meio a um diálogo provocado pela pausa para a hidratação e o mar vermelho de pessoas com roupas nas cores do PT aproveitou para reivindicar que o novo presidente não seria integrante do governo Bolsonaro pela postura ante a pandemia. A paleta de cores da festa teve, também, verde e amarelo. Isso porque uma gigante bandeira brasileira foi desfraldada no meio da multidão. Embora não tenha respondido o pedido dos apoiadores contrários a um eventual perdão, Lula repudiou a condução do combate ao coronavírus. "Quero agradecer para fazer um agradecimento especial aos profissionais do SUS, pela grandiosidade do trabalho durante a pandemia. Enfrentaram bravamente, ao mesmo tempo, um vírus letal e um go-



Já com a faixa presidencial e ao lado da esposa, Janja, responsável pela organização do posse, Lula cenoa ao povo



Lula recebe a faixa presidencial das mãos de Aline Sousa, catadora de materiais recicláveis, representando o povo brasileiro

verno irresponsável e desumano", pontuou, depois de listar políticas de saúde pública implantadas pelo PT. Antes, no Congresso, ele já havia afirmado que a administração federal vai apurar as responsabilidades pelos óbitos e prometido que não haverá impunidade.

"JUNTOS, SOMOS FORTES" Ao garantir que vai governar pensando em todos os setores da sociedade brasileira, Lula disse vislumbrar um "futuro melhor" para o país. Por isso, segundo ele, não é preciso apagar um "passado de divisão e intolerância". "A ninguém interessa um país em permanente pé de guerra, ou uma família vivendo em desarmonia. É hora de reatarmos os laços com amigos e familiares, rompídos pelo discurso de ódio e pela disseminação de tantas mentiras. O povo brasileiro re-

jeita a violência de uma pequena minoria radicalizada que se recusa a viver num regime democrático", defendeu.

O presidente recorreu ao discurso que fez após a vitória eleitoral de 30 de outubro e reiterou que não existem "dois Brasís": "juntos, somos fortes. Diferentes, seremos sempre o país do futuro que nunca chega, e que vive em dívida permanente com o seu povo. Se queremos construir hoje o nosso futuro, se queremos viver num país plenamente desenvolvido para todos e todas, não pode haver lugar para tanta desigualdade", assinalou.

Depois de ser apresentado como presidente da República à multidão na porta do Planalto, Lula se dirigiu a uma área reservada do palácio para receber cumprimentos de lideranças internacionais que viajaram ao país no pri-

meio dia do ano. Entre um aperto de mão e outro, o petista limpava, com um pano, o evidente suor no rosto. Atrás dele, a nova logomarca do governo federal, que tem como lema a expressão "união e reconstrução". Ministros de Estado, como o mineiro Alexandre Silveira (PSD), nomeado para a pasta de Minas e Energia, tomaram posse após o momento com os representantes de outras nações.

De lado de fora, a festa da militância petista e de outros partidos à esquerda seguiu. O "Festival do Futuro", que reuniu artistas de diversas vertentes em Brasília, começou pela manhã e seguiu até o início da madrugada de hoje. Entre as atrações, estiveram a cantora Pablo Vittar, a ministra da Cultura, Margareth Menezes, e a sambista mineira Aline Calixto.

“O que o povo brasileiro sofreu nestes últimos anos foi a lenta e progressiva construção de um genocídio”

A ninguém interessa um país em permanente pé de guerra, ou uma família vivendo em desarmonia. É hora de reatarmos os laços com amigos e familiares, rompídos pelo discurso de ódio e pela disseminação de tantas mentiras

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

Faixa entregue por representantes do povo brasileiro

A frente a cadeia Resistência, adotada por Lula e Janja quando o presidente estava preso na carceragem da Polícia Federal, em Curitiba (PR). Atrás, mas lado a lado, a primeira-dama, o presidente, Alckmin e a esposa, Maria Lúcia. A presença de um pet no protocolo subida da rampa do Planalto já seria suficiente para dar ares de ineditismo à cena. A participação de oito representantes da sociedade civil, contudo, marcou ainda mais o momento. Indígenas, mulheres, negros, operários, crianças e pessoas com deficiência foram representados.

Com Bolsonaro em Miami, nos Estados Unidos, e o entendimento do ex-vice, Hamilton Mourão (Republicanos), de que não poderia ser o responsável por entregar a faixa a Lula, a responsabilidade foi repassada a uma mulher negra. Aos 33 anos e com tranças decorando o cabelo, a catadora de materiais recicláveis Aline Sousa colocou o adereço no peito do presidente. Depois, deu um abraço e um beijo na testa dele.

Antes de Aline, a faixa foi carregada pelo cacique kayapo Raoni Metuktire, que chegou a ser publicamente criticado por Bolsonaro. A honra foi estendida a Wesley Vieira Rodrigues Rocha, metalúrgico no ABC paulista, à cozinheira Lucimara dos Santos e ao professor Murilo Quadros. O jovem nordestino Ivan Barón, referência na causa anti-capacitista, o artesão Flávio Pereira e o menino Francisco Carlos Silva, de 10 anos, também participaram do momento.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política **Página:** 3